



## DESORGANIZAÇÃO LINGUÍSTICA NA FALA DE RA<sup>61</sup>

Daniela Pereira de Almeida Ruas<sup>62</sup>  
(UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio<sup>63</sup>  
(UESB)

Lucélia Teixeira Santos Santana<sup>64</sup>  
(UESB)

### RESUMO

O presente trabalho visa descrever a respeito das alterações prosódicas na desorganização da fala de RA, que, após um traumatismo cranioencefálico, passou a apresentar a disartria como seqüela. Traremos um estudo com enfoque no funcionamento da linguagem oral, e, em especial, nos aspectos prosódicos alterados na linguagem desse sujeito. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva (doravante ND), desenvolvemos um trabalho voltado para a linguagem oral em funcionamento na Disartria.

**PALAVRAS-CHAVE:** sujeito. neurolinguística discursiva. disartria.

---

\* Mestre em Linguística, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900. E-mail: [danidpda@gmail.com](mailto:danidpda@gmail.com)

\*\* Coordenadora do projeto e orientadora. Professora doutora em Linguística, líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/CNPq/UESB) e lotada no DELL/UESB, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900. E-mail: [nirvanafs@terra.com.br](mailto:nirvanafs@terra.com.br)

\*\*\* Mestre em Linguística, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, CEP: 45083-900. E-mail: [ltssantana\\_1@hotmail.com](mailto:ltssantana_1@hotmail.com)

<sup>61</sup> Este trabalho está vinculado ao projeto “Estudo neurolinguístico sobre a linguagem de sujeitos após acidente vascular cerebral: uma possível articulação com a clínica de linguagem”, com financiamento do CNPq - processo 471384/2010-0.

<sup>62</sup>

<sup>63</sup>

<sup>64</sup>



## INTRODUÇÃO

Apontamos a importância de olhar para o sujeito disártrico como um sujeito de linguagem, que, apesar de suas dificuldades ao se comunicar, também se constitui pessoalmente através da enunciação. Daí a necessidade de olharmos para além da produção motora na fala disártrica, pois é preciso observar os mecanismos que o sujeito disártrico utiliza para se fazer entender e constituir-se como sujeito de linguagem ao colocar a língua em funcionamento.

Nesse caso, além de investigarmos sobre a linguagem, consideramos que é por meio dela que a pesquisa possibilita e viabiliza o retorno do disártrico ao seu convívio social, incluindo-o em situações interativas que fazem sentido para ele no seu dia-a-dia. Para isso, buscamos olhar para a linguagem como algo em construção, uma atividade que está a todo momento em transformação por aqueles que a utilizam como meio de interação e, principalmente, como instrumento de readaptação ao mundo do qual fazemos parte.

## METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, fizemos o levantamento bibliográfico relevante para o embasamento teórico que sustenta a pesquisa em desenvolvimento, e também o acompanhamento longitudinal, que é realizado por meio de sessões que ocorrem uma vez por semana com o sujeito RA. O sujeito em questão sofreu um acidente automobilístico aos 28 anos de idade, permanecendo em coma por 27 dias, vítima de um traumatismo craniano, apresentando, com isso a disartria como seqüela.

No decorrer do acompanhamento longitudinal utilizamos atividades que teve como objetivo inserir o sujeito disártrico em situações dialógicas que fazem sentido, isto é, em um contexto. Dessa forma, a ND considera o sujeito disártrico como um produtor de discurso, permitindo que este se insira em práticas verbais utilizando, também,



processos linguísticos de significação como meio de se comunicar e estabelecer a linguagem.

Na constituição do *corpus*, gravamos o sujeito disártrico em atividades significativas a fim de retirarmos os dados-achados. Para isso, foram selecionados diversos textos para leitura, dentre eles fábulas, histórias em quadrinhos, piadas, revistas, atividades de jogos e músicas. As gravações foram realizadas no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Dessa forma, relacionamos teoria e dado através da análise do material coletado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A língua em particular e/ou a linguagem como um todo são estudadas sob diferentes pontos de vista. Assim, a Linguística tornou-se um campo de investigação para diferentes disciplinas que se interessam, de uma maneira ou de outra, pelos estudos da linguagem. Nesse caso, Lyons diz que “[...] tanto a linguagem quanto as línguas podem ser estudadas sob diferentes pontos de vista. Portanto, o campo total da linguística pode ser dividido em diversos subcampos segundo o ponto de vista adotado [...]” (LYONS, 1981, p. 43)

Dentro dessa perspectiva, a Neurolinguística surge como uma ramificação dos estudos da linguagem, que tem como interesse a investigação da linguagem em funcionamento nas patologias, com ênfase nos estudos sobre os processos linguísticos e cognitivos do cérebro. Sendo assim, conforme Morato (2001), a Neurolinguística apresenta-se como uma disciplina recente dentro da Linguística, que possui, segundo Lebrun (1983), autonomia, metodologia e princípios próprios.

A Neurolinguística se apropria do conhecimento de várias áreas da Linguística para explicar os dados obtidos por meio de práticas discursivas e atividades significativas de linguagem. Assim, há uma troca mútua entre a Linguística e a



Neurolinguística, pois assim como esta precisa da teoria linguística para explicar e fundamentar seus dados, a Linguística ratifica muitos de seus conceitos a partir dos dados obtidos pela Neurolinguística.

Nesse sentido, conforme Coudry (1995),

[...] a relação entre a Linguística e a Neurolinguística é motivada pelo interesse que temos em estudar patologias de linguagem sob uma visão discursivamente orientada, a partir da qual princípios protocolares discursivamente informados fundamentam a avaliação de linguagem para provocar a exibição (o que falta e o que excede) de dificuldades e de outros sintomas cognitivos correlacionados. (COUDRY, 1995, p. 13)

A ND tem como um dos seus objetivos o estudo das patologias da linguagem e dentre elas a disartria. Esta é caracterizada como uma alteração da fala ocasionada por um comprometimento no sistema nervoso central e/ou periférico, decorrente de um distúrbio neuromuscular.

A maioria dos estudos voltados para a disartria caracteriza essa patologia de linguagem apenas como consequência dos transtornos motores decorrentes de lesão cerebral. Dessa forma, as dificuldades linguísticas, e mais especificamente prosódicas e articulatórias, são avaliadas sob o ponto de vista orgânico e fisiológico, enfatizando a perda decorrente dessa patologia, desconsiderando, assim, o valor linguístico nos aspectos prosódicos e articulatórios no funcionamento da linguagem.

Darley, Aronson e Brown (1969a), apud Murdoch (2005), dizem que “A disartria designa problemas na comunicação oral devido à paralisia, fraqueza e incoordenação da musculatura relacionada á fala.” (MURDOCH, 2005, p. 17) Com essa afirmação, os autores declaram que se apoiam na produção motora e suas alterações para estudar a disártrica.

Iliovitz (2004), com base em Felizatti (1998), afirma que



[...] a disartria corresponde a uma desordem na produção motora que afeta os padrões de movimento, precisão, coordenação e força dos órgãos fono-articulatórios. Além disso, envolve lesões motoras de origem geralmente traumática no sistema nervoso central, em níveis cerebelares e subcorticais configurando comprometimentos fonético-fonológicos causados pelo enfraquecimento dos músculos fonatórios. (ILIOVITZ, 2004, p. 01)

Entendemos por meio da descrição acima, que, para que a fala disártrica seja comprometida em níveis linguísticos, primeiro é necessário um comprometimento na produção motora responsável pela articulação.

Acreditamos que a disartria por ser uma lesão difusa compromete também áreas do cérebro responsáveis pela linguagem, o que nos leva a entender que pode ocorrer uma relação entre os transtornos do TCE como consequência direta nas alterações linguísticas na disartria, sem que necessariamente ocorra uma desordem motora que prejudique os órgãos fono-articulatórios.

A área mais afetada no funcionamento da linguagem na disartria diz respeito à prosódia, e mais especificamente à organização do ritmo da fala. Para uma melhor compreensão sobre esse aspecto da linguagem na disartria, precisamos observar e compreender os estudos da linguagem que abordam o ritmo como fundamental na organização da língua como um todo.

As práticas discursivas em situações dialógicas possibilitam ao sujeito disártrico colocar a sua linguagem em funcionamento, permitindo, assim, que ele se relacione com o meio em que vive, ou seja, com as pessoas, com a cultura, com a língua e com ele mesmo enquanto sujeito de linguagem que reconhece e lida com a sua patologia.

Considerando a importância das práticas discursivas para a reorganização da linguagem de RA, descrevemos abaixo uma amostra do trabalho realizado com esse sujeito e o que acontece com a sua linguagem em funcionamento. Para isso, coletamos os dados através do acompanhamento longitudinal, como procedimento metodológico, a fim de apreendermos os mecanismos neurolinguísticos presentes na linguagem do sujeito disártrico em sua condição patológica.

Por ser a disartria uma patologia de linguagem, cujas alterações se destacam os transtornos prosódicos, apresentamos a seguir alguns dados que nos permitem compreender melhor o funcionamento da linguagem na disartria sob este ponto de vista.

O quadro abaixo mostra dados que foram transcritos e analisados para observarmos o trabalho de reorganização da linguagem de RA com base nos pressupostos linguísticos e neurolinguísticos.

Quadro - Fragrâncias Importadas

Sessão: 04-12-12

**Contexto:** RA e Idp conversam sobre um panfleto de propagandas de fragrâncias originais importadas, distribuído por uma colega do grupo. RA realiza a leitura, com dificuldades, seguindo o modelo padrão direcionado por Idp.

Início da Leitura:

1'- RA: **Empresa / em plena/ <expansão> / procura // <distribuidores> / independentes.\***

2'- Idp: Eu vou ler pra você ver qual é o meu ritmo:

Empresa em plena expansão / procura distribuidores independentes.

3'- Idp (aponta o momento em que as pausas deveriam ocorrer)

4'- RA: **Empresa em plena expansão / <procura> <ditibuidores> <independentes>.**

RECORTE

5'- Idp: Então vamos falar essa palavra aqui: distribuidores.

6'- RA: **<ditibuidores> (pouco legível e com o volume baixo)**

7'- Idp: dis...

8'- RA: **<dis::tribuidores>, <dis::tribuidores>** (a palavra é pronunciada ainda com dificuldades, porém compreensível pelo interlocutor)

9'- Idp: distribuidores... (?) (indicando para RA que é para ele pronunciar a palavra seguinte também).

10'- RA: **distribuidores <independentes>, <independentes>**

\*Símbolos: (1') indica a linha citada; (/) indica pausa; (//) indica pausa prolongada; (< >) indica palavra de difícil compreensão; (::) indica segmento produzido com prolongação.

Fonte: elaboração própria

Os dados acima demonstram as dificuldades na reorganização da linguagem de um sujeito disártrico, quando o padrão rítmico de sua fala foi alterado. No trecho transcrito, RA pronuncia a frase com um número de pausas (indicado pelas barras) fora do padrão proposto pela língua, isso, em conjunto com suas dificuldades em manter, a



depende do contexto, a estrutura silábica, fazendo com que a sua fala se torne incompreensível pelo interlocutor. Porém, a partir do instante em que houve uma indicação do momento em que deveria ocorrer a pausa, RA realiza corretamente o direcionamento proposto por Idp, como indicado nas linhas 2 e 4. No entanto, RA apresenta dificuldades em realizar os segmentos internos nas palavras e também em pronunciar com um volume mais alto. Nesse sentido, o sujeito disártrico perde a precisão na produção dos movimentos necessários para a realização dos segmentos. Isso ocorre devido ao fato de RA direcionar a sua atenção ao ritmo correto da frase.

As repetições monitoradas pelo investigador fazem com que RA perceba onde está a sua dificuldade e como reorganizar o ritmo que foi alterado, como ocorre, por exemplo, nas linhas 4 e 8. Essa velocidade de fala faz com que alguns segmentos sejam produzidos com dificuldades, e até são omitidos a depender do contexto em que estejam inseridos, indicado nas linhas 6 e 8, quando RA pronuncia a palavra *distribuidores*, omitindo o segmento *s* no final da primeira sílaba, e o *r* do encontro consonantal da segunda. Ao repetir as palavras, RA busca, a cada repetição, encontrar uma forma de superar suas dificuldades, como mostra a linha 8, até que, com a ajuda do mediador, consegue pronunciar melhor os segmentos antes não produzidos.

Apesar das dificuldades de RA na produção da fala espontânea, é possível manter o diálogo, permitindo a ele assumir o seu papel de interlocutor. Nesse momento, o investigador participa do processo de reorganização da linguagem, direcionando RA na retomada do diálogo. Dessa forma, por meio do acompanhamento longitudinal, o investigador faz o papel de mediador entre o sujeito disártrico e a sua linguagem.

## CONCLUSÕES

Apresentamos, neste trabalho, a linguagem em funcionamento na disartria a partir de um ponto de vista linguístico, já que a maioria dos trabalhos que abordam essa patologia de linguagem, caracterizam-na como alterações decorrentes de lesões



motoras. Acreditamos que a perda linguística causada pela disartria pode ser observada como uma consequência direta de um traumatismo cranioencefálico, por ser uma seqüela, que compromete o funcionamento da linguagem, proveniente de uma lesão difusa.

Nesse sentido, verificamos a importância de se observar uma relação de interdependência entre língua e fala. Para a Neurolinguística é de fundamental importância colocar a fala em relação com a língua para então observar e investigar a linguagem em funcionamento nas patologias estudadas.

Investigamos, então, os aspectos linguísticos na linguagem oral de RA, com vistas a compreender o funcionamento de sua linguagem. Dessa forma, observamos a importância de práticas discursivas para a reorganização lexical na fala de RA. Nesse momento, foi de fundamental importância a intervenção do investigador como mediador entre o sujeito e a retomada de sua linguagem em situações de dificuldades linguísticas. Nesse caso, apesar dessas dificuldades, RA mantém o diálogo e a sua posição de interlocutor. Dessa forma, o investigador contribui para o processo de reorganização da linguagem, o que comprova a importância do acompanhamento longitudinal como procedimento metodológico.

## REFERÊNCIAS

- COUDRY, M. I. H. Neurolingüística e lingüística. . In: DAMASCENO, B.P.; COUDRY, M.I.H. (Eds.). **Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística. Série de Neuropsicologia.** Vol. 4. Campinas, SP: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, SBNp, 1995, p. 12-19.
- ILIOVITZ, E. R. VOTE Disartria: alguns resultados preliminares. In: **Revista Estudos Linguísticos**, XXXIII, 2004, p.1329- 1334.
- LEBRUN, Y. **Tratado de Afasia.** São Paulo: Paramed Editorial, 1983.
- LYONS, J. **Língua(gem) e Lingüística:** uma introdução. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.





ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

MORATO, E. M. Neurolingüística. In: MUSSALIM, F.; A. BENTES, A. C. (orgs.). (Org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. 1 ed. São Paulo: Cortez, v. 2, 2001, p. 143-170.

MURDOCH, B. E. **Disartria**: uma abordagem fisiológica para avaliação e tratamento. São Paulo: Editora Lovise, 2005.